



***SEXUALIDADE NA SALA DE AULA: VISÃO DE ALUNOS DO ENSINO
FUNDAMENTAL NO MUNICÍPIO DE DOM PEDRITO - RS***

***SEXUALIDAD EN EL AULA: VISTA DE ESTUDIANTES DE PRIMARIA EN
LA CIUDAD DE DOM PEDRITO - RS***

***SEXUALITY IN THE CLASSROOM: VIEW OF MIDDLE SCHOOL
STUDENTS IN THE CITY OF DOM PEDRITO - RS***

Leci Kauffman¹

Fernando Albuquerque Luz²

RESUMO

A sexualidade é um assunto de grande importância no ambiente escolar e a Educação Sexual é um anseio e um direito dos adolescentes em idade escolar podendo auxiliar na sua formação, tornando-os críticos e conscientes de seus direitos e deveres. O objetivo dessa pesquisa foi compreender como os alunos enxergam o tema sexualidade e qual a sua importância. O trabalho teve como público alvo 155 estudantes da rede pública de ensino da cidade de Dom Pedrito- RS. A pesquisa foi qualitativa, explicativa e do tipo levantamento. Para a coleta dos dados foi elaborado um questionário com perguntas abertas e fechadas. Percebeu-se que os alunos pesquisados não compreendem o conceito de sexualidade, relacionando-o com sexo e o gênero de cada indivíduo. Conclui-se que para toda e qualquer iniciativa de educar sexualmente seja funcional, é necessário entender o que se passa na cabeça do aluno, suas necessidades e seus anseios.

PALAVRAS-CHAVE: Adolescência. Educação Sexual.

RESUMEN

La sexualidad es un tema de gran importancia en el entorno escolar y la educación sexual es un anhelo y un derecho para los adolescentes en edad escolar y puede ayudarlos en su educación, haciéndolos críticos y conscientes de sus derechos y deberes. El objetivo de esta investigación fue comprender cómo los estudiantes ven el tema de la sexualidad y su importancia. El trabajo estaba dirigido a 155 estudiantes de escuelas públicas en Dom Pedrito-RS. La investigación fue cualitativa, explicativa y tipo de encuesta. Para la recopilación de datos, se preparó un cuestionario con preguntas abiertas y cerradas. Se

¹ Licenciada em Ciências da Natureza. Universidade Federal do Pampa, Dom Pedrito, RS, Brasil

² Doutor em Ecologia. Universidade Federal do Amazonas, Coari, AM, Brasil.

observó que los estudiantes encuestados no entienden el concepto de sexualidad, relacionándolo con el sexo y el género. Se concluye que para que todas y cada una de las iniciativas de educación sexual sean funcionales, es necesario comprender lo que sucede en la mente del estudiante, sus necesidades y sus deseos.

PALABRAS-CLAVE: Adolescencia. Educación Sexual.

ABSTRACT

Sexuality is a subject of great importance in the school environment and Sexual Education is a yearning and a right for school-age adolescents and can assist in their education, making them critical and aware of their rights and duties. The objective of this research was to understand how students see the sexuality theme and its importance. The work was aimed at 155 students from public schools in the city of Dom Pedrito-RS. The research was qualitative, explanatory and survey type. For data collection, a questionnaire was prepared with open and closed questions. It was noticed that the students surveyed do not understand the concept of sexuality, relating it to sex and the gender of each individual. It is concluded that for any and all sexual education initiatives to be functional, it is necessary to understand what is going on in the student's mind, his needs and his desires.

KEYWORDS: Adolescence. Sexual Education.

* * *

Introdução

A sexualidade sempre foi assunto de interesse e curiosidade, e a inserção da educação sexual na escola é o resultado de discussões de décadas na história da educação brasileira e vem se intensificando nos dias atuais. Os registros datam da década de 20, onde se iniciou, ainda que de forma tímida, alguma preocupação com a educação sexual no campo da educação escolar. Pois era necessário que o indivíduo conhecesse a fisiologia sexual nos moldes do discurso higienista e essa educação tinha como objetivo combater a masturbação, as doenças venéreas, e por outro lado preparar a mulher para exercer o papel de esposa e mãe, procurando assegurar a saudável reprodução da espécie (SAYÃO, 1997).

Nos anos 30 a discussão sobre educação sexual eclodiu na escola num momento em que a sífilis fazia numerosas vítimas. Porém entre as décadas de 40 até a década de 60 houve uma mudança nessa concepção, que foi a de negação, ocultamento, proibição e obsessão em relação ao sexo (SAYÃO, 1997).

Retornou ao currículo escolar a partir da década de 60. Entretanto, as experiências de educação sexual foram reprimidas e suprimidas pela ditadura militar, principalmente nos primeiros anos deste período, e sob forte influência da igreja católica que valorizava uma educação moralista, pois a mesma preocupava-se em reprimir os desejos sexuais e

pregava contra o pecado e a promiscuidade. O país passou a ter uma imagem moralista, puritanista e embasada no medo, censura e repressão (SAYÃO, 1997).

Entre as décadas de 1970 e 1980 as influências citadas anteriormente foram apaziguadas e as discussões sobre gênero e feminismo ganham destaque como parte de um projeto escolar. A educação se afirmou nas bases das lutas pela redemocratização do Brasil e, nesse momento, a educação sexual foi retomada como uma reivindicação importante do movimento feminista brasileiro (GAGLIOTTO *et al*, 2014).

Em 1971, as Diretrizes e Bases da Educação Brasileira começaram a promover programas de saúde escolares, nos quais a sexualidade era discutida, essencialmente, para prevenir a gravidez na adolescência e as Doenças Sexualmente Transmissíveis (DST). Em 1976, a posição oficial Brasileira afirma ser a família a principal responsável pela educação sexual, podendo as escolas, inseri-la ou não nos currículos escolares (BRASIL, 1998).

Na década de 80, o foco de atenção voltou-se para a prevenção do HIV/Aids. Atribuiu-se à escola a função de contribuir na prevenção dessa doença e dos casos de gravidez na adolescência. No início dos anos 90, a escola foi fundamental para a veiculação de informação na prevenção dessa doença e dos casos de gravidez na adolescência.

No fim dos anos 90, uma abordagem mais positiva foi implantada através dos PCN, que oferecem diretrizes mais claras às políticas para a educação referente ao ensino fundamental. Sendo assim, a Educação Sexual, além de se tornar transversal se torna também um assunto de grande importância na sala de aula. Como fica evidente nos PCN (Brasil, 1998) que o papel da escola é transmitir informações e problematizar questões relacionadas à sexualidade, colaborando para o desenvolvimento de atitudes e valores baseados nos direitos humanos, nos relacionamentos de igualdade, no bem-estar social e no respeito entre as pessoas.

Educação sexual é um processo de aquisição de informação sobre o corpo, a sexualidade e o relacionamento sexual, formando atitudes e opiniões, refletindo seus próprios valores sobre tudo que é ligado ao sexo. Como expressa Figueiró (2006), a educação sexual aborda as dimensões biológicas, sociocultural e psicológica da sexualidade a partir do domínio cognitivo, afetivo e comportamental, que inclui as competências para comunicar de forma eficaz e tomar decisões responsáveis.

Para Goldberg (1988) e Duarte (1995), a sexualidade humana é imprescindível na formação do indivíduo, e se desenvolve desde o nascimento até a morte, devendo ser

moldada com critérios formativos. Sendo assim, percebe-se que no ambiente escolar ela deve ser debatida, para assim poder levar informação para as pessoas.

É de importância fundamental a interação do ambiente escolar e familiar em prol do processo construtivo dos alunos em relação à Educação Sexual e na preparação dos mesmos como futuros cidadão formadores de opiniões próprias diante da sociedade erradicando os estereótipos e mitos existentes (FIGUEIRÓ, 2001).

A Educação Sexual, denominada orientação sexual por vários autores e pelos PCN, deve ser intencional, estruturada e sistematizada, para fornecer adequadamente informações sobre sexualidade (Brasil, 1998).

Os termos educação sexual e orientação sexual geralmente são confundidos até pela sua semelhança, mas elas são diferentes na sua conceituação, sendo assim é necessário diferenciá-los.

Educação Sexual é um conjunto de informações desenvolvidas de forma assistemática sobre a sexualidade. Esse processo não é intencional, e envolve toda a ação exercida sobre o indivíduo no seu cotidiano. Surge na família e em outros grupos onde o ser humano convive (OLIVEIRA e MORGADO, 2008).

Já a Orientação sexual que é um processo de intervenção sistematizado, planejado e intencional, promovendo o espaço de acolhimento e reflexão das dúvidas, valores, atitudes, informações, posturas contribuindo para a vivência da sexualidade de forma responsável e prazerosa, é intencional (OLIVEIRA e MORGADO, 2008).

Segundo os PCN a Orientação sexual abrange o desenvolvimento sexual compreendido como: saúde reprodutiva, relações interpessoais, afetividade e imagem corporal, auto estima e relação de gênero (BRASIL, 1998).

Neste trabalho empregar-se-á o termo educação sexual, pois é o termo que vem sendo utilizado com mais frequência na literatura específica, como Werebe (1998), Figueiró (1996, 2001), Guimarães (1995), continuam utilizando o termo educação sexual, em seus trabalhos.

Se por um lado o termo educação sexual está “desgastado”, visto que, por muito tempo, representou um ensino com enfoque biologista, pautado pela moralidade e normatização, por outro, o termo orientação sexual não é totalmente aceito, sobretudo pelo fato de gerar confusão, uma vez que este termo também é utilizado pelos autores para designar a relação entre o desejo e a prática sexual, referindo a como homossexualidade, heterossexualidade, bissexualidade ou assexualidade (ROCHA, 2015).

A educação sexual deve começar em casa, mas a escola tem compromisso com a formação integral do ser humano e a sexualidade é parte importante dessa formação (LEÔNICIO, 2013). Mesmo sabendo que as orientações devam começar em casa este ponto ainda é um problema, Amorim e Freitas (2013) ressaltam que muitas vezes os pais não assumem o papel de orientadores e recai a responsabilidade para as instituições escolares. Isso acontece por os pais acreditarem que os professores estão melhor preparados para tratarem este assunto (CARVALHO *et al*, 2012).

Deste modo, torna-se um problema, pois é um assunto de fundamental importância a ser discutido. Pois justamente nessa fase que os adolescentes no auge de suas descobertas, estão cheios de dúvidas e curiosidades e é nesse momento que o professor deve posicionar-se para responder os questionamentos e não inseguramente evitá-los.

Por outro lado, os professores nem sempre se sentem confortáveis em trabalhar a temática em sala de aula, ficando assim o tema esquecido, e os mesmos acabam trabalhando somente os aparelhos reprodutivos nas aulas de Ciências. Segundo Kindel (2008) ao ensinar sobre o Sistema Reprodutor dando ênfase apenas aos órgãos do sistema masculino e feminino e à reprodução em si, como se a sexualidade estivesse restrita à sua dimensão biológica, excluem-se outras explicações e outras formas de sexualidade como se não fossem também naturais.

A exemplo disso de acordo com Gonçalves *et al*, (2013), educar sexualmente consiste em oferecer condições para que as pessoas assumam seu corpo e sua sexualidade com atitudes positivas, livres de medo, preconceitos, culpas, vergonha, bloqueios ou tabus. Conforme os Estudos e Comunicação em Sexualidade e Reprodução Humana (ECOS, 2001), a educação sexual deve ser entendida como um direito que as crianças e/ou adolescentes tem de conhecer seu corpo e ter uma visão positiva da sua sexualidade e de manter uma comunicação clara em suas relações; de ter pensamento crítico de compreender seu comportamento e do outro.

A problemática em relação ao tema como podemos constatar, está bem clara na literatura. Mas poucas pesquisas tentam abordar o que os alunos querem saber sobre educação sexual. E não o que eles deveriam saber ou quais dificuldades de se tratar o tema em sala de aula. Nesse sentido, poucos estudos abordam o lado do aluno.

Amorim e Freitas (2013) pesquisaram sobre o interesse dos alunos quanto a sexualidade, os sujeitos da pesquisa foram 30 alunos com idades entre 14 a 18 anos da 8^o série da Educação de Jovens e Adultos, no estado do Pará, nesta pesquisa os autores colocaram 17 opções de temas abordados na educação sexual, para que assinalassem os de

maior interesse para abordar em sala de aula, tais como: como e quando iniciar a vida sexual, sobre as DST, abuso sexual, virgindade, namoro, sistemas reprodutores, higiene íntima, entre outros. Neste estudo foi verificado que entre os temas de maior interesse está o início da vida sexual e as DST, e os de menor interesse: o namoro e a higiene íntima. Cabe salientar que estudos como este são extremamente raros na literatura.

Desta forma torna-se importante investigar a visão dos alunos e focar nas reais demandas que os mesmos tem e assim promover uma abordagem mais coerente à realidade, já que é de direito receberem os esclarecimentos necessários na educação sexual.

Metodologia

A abordagem do problema desta pesquisa caracteriza-se como qualitativa, que segundo Gil (2002) considera que há uma relação dinâmica entre o mundo real e o sujeito, isto é, um vínculo indissociável entre o mundo objetivo e a subjetividade do sujeito que não pode ser traduzido em números. A interpretação dos fenômenos e a atribuição de significados são básicas neste processo.

Quanto aos objetivos é uma pesquisa explicativa conforme Gil (2002) que têm como preocupação central identificar os fatores que determinam ou que contribuem para a ocorrência dos fenômenos. Este é o tipo de pesquisa que mais aprofunda o conhecimento da realidade, porque explica a razão, o porquê das coisas. Por isso mesmo é o tipo mais complexo e delicado, já que o risco de cometer erros aumenta consideravelmente.

Classifica-se da pesquisa quanto aos procedimentos técnicos como levantamento, caracterizado por Gil (2002) pela interrogação direta das pessoas cujo comportamento se deseja conhecer, acerca do problema estudado mediante análise quantitativa, obterem-se as conclusões correspondentes aos dados pesquisados. Que tem como base uma amostra retirada numa determinada população, pela impossibilidade de analisar o todo.

Ressalta-se que os sujeitos entrevistados assinaram um Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) assim como a direção da escola e os professores da disciplina de Ciências. Também foi registrado em ata que a pesquisa foi realizada com os alunos, e divulgado aos pais no Conselho de Classe, onde as entrevistas foram realizadas. Os entrevistados e as escolas não foram identificados na pesquisa.

Utilizou-se como instrumento de pesquisa um questionário, onde empregou-se questões abertas e fechadas, este questionário foi aplicado em três escolas da rede pública no município de Dom Pedrito - RS. Uma escola localizada no centro da cidade e as outras

duas em regiões periféricas, ambas escolas apresentavam uma ampla variedade de perfis socioeconômicos dos sujeitos entrevistados, cabe salientar que este tipo de associação não foi objetivo deste estudo. Participaram do estudo dois grupos de sujeitos, o primeiro, que de acordo com o currículo escolar, ainda não teve aula sobre Sexualidade na escola (7º ano do ensino fundamental) e outro grupo que já deveria ter tido aulas sobre o referido assunto (9º ano do ensino fundamental). A amostra foi composta por 155 estudantes, sendo 74 alunos do 9º ano (36 do sexo masculino e 38 do sexo feminino) com idade de 14 a 17 anos, e 81 alunos do 7º ano (46 meninas e 35 meninos) com faixa etária compreendida entre 12 e 15 anos.

Abaixo apresenta-se o questionário utilizado na coleta de dados dessa pesquisa.

Questionário

Idade: _____ Sexo: () Feminino () Masculino Ano: () 7º Ano () 9º Ano

1. O que é Sexualidade para você?

2. Você tem dúvidas sobre assuntos relativos ao tema Sexualidade?

() sim () não () mais ou menos

3. Com quem você consegue falar sobre Sexualidade com liberdade ou confiança?

() Pais () Amigos () Irmãos () Professores () Ninguém

4. Quem você gostaria que tirasse suas dúvidas sobre Sexualidade na escola?

() Professor () Palestrante na área da saúde () Direção da escola () Outra: Qual?

5. Você se sente confortável em debater este tema em sala de aula?

() sim () não () mais ou menos

6. Para você, de 1 a 10, qual a importância de falar sobre sexualidade em sala de aula? Por quê?

Os dados foram analisados e interpretados qualitativamente, para as questões abertas do questionário utilizou-se a análise de conteúdo proposta por Bardin (2004). Logo para as questões fechadas usou-se tabelas e porcentagens feitas no Software Excel, para melhor compreensão dos mesmos foram analisados descritivamente. O método de análise de conteúdo foi empregado visando organizar os dados e analisar os resultados obtidos, a partir de categorias identificadas por meio das respostas coletadas na pesquisa realizada. Segundo Bardin (2004), a análise de conteúdo, consiste num conjunto de técnicas de análise das comunicações, visando, obter por procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens, que permitam a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção/recepção (variáveis inferidas) das mensagens.

A análise foi conduzida por um olhar interpretativo dos dados seguindo os seguintes passos para a análise: 1) Pré-análise: leitura de materiais; 2) Análise descritiva: organização, categorização, identificação e comparação de ideias das respostas do questionário; codificaram-se as respostas com caracteres alfanuméricos A-1, A-2, A-3, A-17, sendo que a letra “A” relacionada à palavra aluno e o numeral é uma maneira de identificação para substituir o nome. 3) Interpretação inferencial: compreensão e interpretação das respostas às questões de pesquisa, verificação de contradições e, por fim, realização das conclusões.

A utilização desse método permitiu um maior número de dados, pois, ao responderem às questões abertas, pôde-se realizar uma análise mais profunda das opiniões dos sujeitos da pesquisa. No início do questionário os alunos, apontaram a idade, o sexo e o ano de estudo e os mesmos não foram identificados. Esses itens facilitaram na análise dos dados, já que as mesmas foram consideradas no (1) geral, ou seja, a soma de todos os sujeitos da pesquisa, (2) na categoria ano de estudo, são analisados os respectivos anos individualmente e (3) na categoria sexo, são analisados os do sexo masculino e do sexo feminino.

Resultados e Discussão

Para melhor organização e apresentação dos resultados, será analisado e discutido individualmente cada questão do questionário.

A primeira questão: “*O que é sexualidade para você?*”, tinha como propósito observar se os alunos entendiam o conceito e o que se debate dentro do tema sexualidade. Dividimos através da análise de conteúdo as respostas em 5 categorias, são elas: não respondeu; respondeu errado; respondeu que é sexo; respondeu que é gênero; respondeu corretamente. Notou-se que 43,2 % dos alunos não responderam à questão, sendo 23,2% do 7º ano e 20 % do 9º ano. Como visualiza-se na tabela 1.

Tabela 1 – Porcentagem de sujeitos que responderam à questão 1, “*O que é sexualidade para você?*”

Categorias	Geral	Ano		Sexo	
		7º	9º	M	F
Não respondeu	43,2%	44,4%	42%	47,2%	39,7%
Respondeu errado	10,3%	7,4%	13,5%	9,4%	11,1%

Respondeu que é sexo	28,4%	35%	21,6%	29,7%	27,1%
Respondeu que é gênero	11,6%	11%	12,1%	10,8%	12,3%
Respondeu corretamente	6,5%	2,2%	10,8%	22,7%	9,8%

Fonte: Autores

Para a categoria “respondeu errado” foi considerado respostas que não possuíam nenhuma associação com o tema sexualidade, cabe salientar, um problema da presente pesquisa, uma vez que a pergunta se tratava de uma opinião pessoal “o que é sexualidade para você”, sendo assim, não seria correto considerar uma resposta errada, mas por questões analíticas assim foi feito.

De acordo com os dados obtidos, notou-se que os alunos envolvidos na pesquisa, em sua maioria não sabe com exatidão o que é sexualidade, resumindo-a apenas a sexo ou às questões de gênero.

Na *categoria sexo*, evidenciada em 28,4% das respostas, foram englobadas aquelas em que os educandos aliam a sexualidade ao ato carnal, de coito, entre indivíduos de sexos diferentes – ou não – podendo este ser realizado como forma de prazer ou procriação. As respostas a seguir evidenciam essa categoria:

A7 – “Quando um homem e uma mulher tem relação e fazem sexo”.

A8 – “Pra mim e quando a pessoa faz sexo com uma pessoa”.

A9 – “É quando duas pessoas de sexos diferentes fazem sexo e que pode se procria”.

O dicionário Aurélio (2001) define que sexo é a conformação particular que distingue o macho da fêmea, nos animais e vegetais, atribuindo-lhes um papel determinado na geração e conferindo-lhes certas características distintivas ou como um conjunto de características anatômicas e fisiológicas.

Amaral (2007, p. 2) define a palavra sexo como um designo de gênero masculino e feminino “[...] servindo para uma distinção biológica entre homens e mulheres, a partir da qual se definem papéis e atribuições sociais, que variam conforme a cultura”. Por outro lado, a autora também relaciona a palavra “a qualquer atividade que resulte em sensação de prazer no corpo ou, mais especificamente, nos órgãos genitais do homem ou da mulher”, aproximando-se, portanto, da definição dos educandos.

Na *categoria gênero*, evidenciada em 11,6% das respostas, foram englobadas as que relacionaram sexualidade as diferenças morfológicas entre homens e mulheres (masculino e feminino) ou a orientação sexual e de gênero. Conforme trechos a seguir:

A23 – “Se é guri ou guria”.

A37 – “É algo que cada um é, e só devemos respeitar a escolha de cada um”.

A71 – “Define como feminino e masculino”.

De acordo com Cardoso (2008) e Jesus (2012) por gênero compreende-se a forma de um indivíduo se identificar, como homem ou como mulher. Logo, identidade de gênero, refere-se ao modo que o indivíduo se identifica com o seu gênero (como se reconhece): cisgênero (identifica-se com o sexo do nascimento) e transgênero (identifica-se com o sexo diferente do nascimento), cabe ressaltar que o espectro de identidade de gênero é muito maior que estes exemplos citados, exemplos: gênero flúido, não-binário, etc.

Já a orientação refere-se à atração sexual que o indivíduo sente: heterossexual (sente-se atraído pelo sexo/gênero oposto ao seu), homossexual (se atrai pelo mesmo sexo/gênero que o seu), bissexual (gosta de ambos) e assexual (não sente desejo por nenhum).

A definição de sexualidade segundo Aurélio (2001) é a própria vida, num processo que vai do nascer ao morrer, evoluindo além do nosso corpo, nossa história, nossos costumes, nossas relações afetivas e nossa cultura. Conforme corroborado pelos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN, 1998), a sexualidade é entendida como algo inerente, que se manifesta desde o nascimento até a morte, de formas diferentes a cada etapa do desenvolvimento, sendo formada ao longo da vida, encontra-se basicamente marcada pela história, cultura, ciência, assim como pelos afetos e sentimentos expressando-se com singularidade em cada sujeito.

A Organização Mundial de Saúde (OMS, 2002, p. 6) define a sexualidade como:

“[...] um aspecto central do ser humano ao longo da vida e inclui o sexo, gênero, identidades e papéis, orientação sexual, erotismo, prazer, intimidade e reprodução, é expressa através de pensamentos, fantasias, desejos, crenças, atitudes, valores, comportamentos, práticas, papéis e relações” (OMS, 2002, p. 6).

Neste sentido, a sexualidade pode ser influenciada pela interação de fatores biológicos, psicológicos, sociais, econômicos, políticos, culturais, éticos, legais, históricos, religiosos e espirituais. Essa definição, frágil e pouco clara, é a mais utilizada. Desse modo, foram classificadas como corretas, as respostas que não se limitaram apenas a sexualidade como sexo e gênero, sendo evidenciada em 6,5% das respostas, conforme trechos a seguir:

A65 – “Sexualidade para mim não é só o ato é sobre a opção sexual e tantas outras coisas tipo, menstruação, masturbação, namoro e tudo mais”.

A39 – “Acho que é aborto, abuso sexual, masturbação, e etc....”

Constatou-se, portanto, que a maioria dos alunos não possuem clareza sobre o que é sexualidade, demarcando a importância de trabalhar corretamente essa temática na sala de aula. Destaca-se que apenas 10,8% dos alunos do 9º responderam corretamente à questão, sugerindo que, talvez, a abordagem da temática no ano anterior (8º ano) não tenha sido feita de maneira significativa para os sujeitos desta pesquisa.

Na segunda pergunta, “*Você tem dúvidas sobre assuntos relativos ao tema Sexualidade?*” os alunos tinham as seguintes opções de respostas: “sim”, “não” e “mais ou menos”, conforme resultados apresentados na tabela 2.

Tabela 2 – Porcentagem de sujeitos que responderam à questão 2, “*Você tem dúvidas sobre assuntos relativos ao tema Sexualidade?*”

Questão 2	Geral	Ano		Sexo	
		7º	9º	F	M
Sim	39,3 %	39,1 %	40,5 %	38,3 %	39,3 %
Não	18,7 %	20,9 %	16,2 %	18,5 %	20,2 %
Mais ou menos	42 %	40 %	43,3 %	42,2 %	40,5 %

Fonte: Autores

Percebe-se que os alunos têm dúvidas relativas ao tema da sexualidade, pois a opção mais marcada foi “mais ou menos” e “sim”, totalizando 81,3%. Para Horta (2004) a adolescência é marcada por tabus e preconceitos em relação a sexualidade, que na maioria do tempo são revelados na escola, através de brincadeiras vexatórias e deboches. Tais ações estimulam a introspecção dos alunos, que tem vergonha e medo de perguntar suas dúvidas.

Este dado conversa com o da primeira questão, na qual os alunos tiveram grande dificuldade de identificar o que é sexualidade, tema que apesar de ser abordado na formação de professores, parece segundo o presente trabalho e de outros autores citados, ainda obscuro no cotidiano escolar.

Para a questão 3, investigou-se “*Com quem você consegue falar sobre Sexualidade com liberdade ou confiança?*”. Como alternativas, os educandos poderiam marcar as

seguintes opções: pais, amigos; irmãos; professor e ninguém. Na tabela 3 visualiza-se os resultados.

Tabela 3 – Porcentagem de sujeitos que responderam a questão 3, “*Com quem você consegue falar sobre Sexualidade com liberdade ou confiança?*”

Questão 3	Geral	Ano		Sexo	
		7°	9°	F	M
Pais	30,9 %	27,1 %	20 %	34,5 %	20 %
Amigos	44,5 %	44,4 %	54 %	38,6 %	52,4 %
Irmãos	6,4 %	2,4 %	2 %	2,4 %	1,3 %
Professor	0,6 %	1,2 %	0	0	1,3 %
Ninguém	27,5 %	24,9 %	24 %	24,5 %	25 %

Fonte: Autores

Nesta questão os alunos responderam mais de uma opção, mas a que mais se sobressaiu foi que no geral eles tiram as suas dúvidas e tem mais liberdade em falar com seus amigos, no relativo ao ano de estudo e na categoria sexo, os amigos também são mais citados.

Observou-se que os pais foram citados em segundo, tanto no geral como no 7° anos e na categoria sexo o feminino ficou com o percentual em torno de (34 %), ficando claro que as estudantes buscam a experiência dos pais para tirarem as suas dúvidas sobre o assunto, esta relação de confiança do adolescente é extremamente importante.

O diálogo dos pais com seus filhos é considerado uma tática para melhorar o processo de comunicação e confiança entre o adolescente e a família (ALMEIDA; CENTA, 2009). Como resultado semelhante o estudo de Amorim e Freitas (2013), onde os mesmos também encontraram que os adolescentes se sentem mais à vontade em falar sobre o tema com amigos e familiares, neste estudo especificamente com as mães.

A opção que obteve o menor resultado, o professor, chama atenção pois ele geralmente está incumbido na escola em falar sobre este tema com os alunos. Este fato pode estar relacionado com o despreparo para tratar o tema. Conforme Novak (2013) muitos professores sentem-se constrangidos em abordar o assunto, até, pela Educação Sexual que tiveram ou muitas vezes por uma repressão sexual recebida pelos pais, sociedade ou Estado. Para educar é preciso que o educador esteja preparado para tal tarefa e para enfrentar toda e qualquer tipo de situação e carece de ter sensibilidade e habilidade, exigindo dele constante aprendizado, atualização e reciclagem (ALMEIDA *et al*, 2005).

Notou-se no geral que 27,5% não conversa sobre sexualidade com ninguém, o que não é uma surpresa pois boa parte da sociedade ainda enxerga o assunto como um tabu. Como salienta Rocha (2013) as inibições, os tabus e os preconceitos sociais permanecem intrincados e o sentimento de culpa, de pecado, de que é proibido, feio e sujo, ainda é transmitido para o adolescente.

Na questão 4 investigou “*Quem que você gostaria que tirasse suas dúvidas sobre Sexualidade na escola?*”. As alternativas: professor; palestrante na área de saúde; direção da escola; outra.

Na categoria geral observou-se que 54,5% dos alunos optou pelo palestrante de saúde e no ano de estudo o 7º, com 50% e o 9º, com 59,4% e na categoria sexo o feminino com 64,4% e o sexo masculino com 58,1%, ficando então a palestrante na área de saúde como a alternativa mais marcada em todas as categorias. Na tabela 4 vislumbra-se o resultado para a questão quatro.

Tabela 4 – Resultado das respostas para a questão quatro. “*Quem que você gostaria que tirasse suas dúvidas sobre Sexualidade na escola?*”.

Questão 4	Geral	Ano		Sexo	
		7º	9º	F	M
Professor	36 %	39 %	32,4 %	30,8 %	27 %
Palestrante	54,5 %	50 %	59,4 %	64,4	58,1 %
Direção	1,2 %	1,2 %	1,2 %	2,4 %	0 %
Outra	8,3 %	9,8 %	7 %	2,4 %	14,9 %

Fonte: Autores

Pode-se verificar que o palestrante de saúde foi escolhido pelos alunos para tirar as suas dúvidas sobre sexualidade na escola, como também foi sugerida por eles que uma sexóloga ou um médico poderia sanar seus anseios. Quando o professor chama um palestrante na área da saúde ele tem que estar consciente que as palestras por serem esporádicas e desprovidas de continuidade, mesmo que possam ter um impacto imediato, raramente modificam atitudes e nem sempre o aluno tem confiança em fazer perguntas pertinentes para esclarecer as suas dúvidas. Conforme Jardim e Bretas (2006) cabe ao professor a tarefa de buscar a solução das dúvidas que seus alunos apresentam e de uma forma clara, sem tentar fugir das respostas aos questionamentos quando estes são

colocados por seus alunos, procurando manter uma postura informativa, de modo a esclarecer e orientar os alunos com confiança.

O ensinar sobre sexualidade não depende somente dos professores, mas também da equipe escolar em conjunto. Todos que fazem parte do ambiente escolar precisam trabalhar juntos e estarem preparados para falar sobre o assunto, para isto é necessário que haja estudo antes, que a escola tenha um momento de reflexão sobre sexualidade e um bom projeto sobre educação sexual.

A escola, portanto, tem um papel efetivo, pois de acordo com Nunes (2000) é um espaço marcante para a vida de crianças e adolescentes independente das concepções político-educacionais. É neste local que ocorrem aprendizagens diferenciadas tanto as formais e as informais. Mas segundo esta pesquisa, os alunos não apresentam confiança em falar sobre esses temas com a equipe escolar, diminuindo ainda mais a distância entre alunos e escola, tornando ainda mais difícil a questão ser abordada. A próxima questão aborda exatamente este embate.

A pergunta da questão cinco: *“Você se sente confortável em debater este tema em sala de aula?”* Com as opções: sim; não e mais ou menos.

Nesta questão infere-se que os alunos se sentem (meio) constrangidos em abordar este tema em sala de aula, pois no geral (41,9%) marcaram a opção mais ou menos, acompanhado do ano de estudo com (43,3%) no 7º ano e 40,5 % e na do sexo feminino com (44,1%), já o 9º ano se sente confortável em abordar o assunto com (40,5%) de respostas sim, bem como os meninos com (41,9%). Na tabela 5 encontram-se os resultados para a questão cinco.

Tabela 5 – Relativa a pergunta: *“Você se sente confortável em debater este tema em sala de aula?”*

Questão 5	Geral	Ano		Sexo	
		7º	9º	F	M
Sim	33%	27,1%	39,3%	31,9%	41,9%
Não	25,1%	29,6%	20,2%	24%	23%
Mais ou menos	41,9%	43,3%	40,5%	35,1%	35,1%

Fonte: Autores

Na referida pergunta notou-se que a alternativa mais marcada foi “mais ou menos” o que nos mostra que os alunos não se sentem inibidos em debater este assunto em sala de

aula, já que a opção “não” foi a alternativa com o menor número marcado pelos educandos e a alternativa “sim” foi a mais marcada no nono ano e no sexo masculino, a idade é outro fator que colabora para sentirem-se mais confiantes em falar sobre o assunto, já que no nono ano os alunos já são mais velhos entre (14 a 17 anos).

Constatou-se que as meninas ainda sentem-se inibidas para tratarem este tema livremente em sala de aula, talvez este resultado esteja vinculado ao fato das mesmas serem educadas com maior rigor, nesse sentido, Sousa et al. (2006) alegam que o tabu sobre a sexualidade aparece mais acentuado no contexto familiar das adolescentes, assim, nota-se que os pais geralmente são mais rígidos com as meninas, uma vez que existe o temor de uma gravidez precoce, além da presença de questões culturais.

Um dos maiores motivos pelos quais é complexo conversar abertamente sobre a sexualidade é o fato de que esse tema é cercado por uma grande carga emocional e por vários preconceitos, mitos e tabus (PREDEBON, 2002).

Vindo de encontro com a questão anterior, os alunos querem conversar sobre sexualidade dentro da escola, mas ainda não se sentem à vontade em ter essa conversa com o professor.

Na questão final foi solicitado para que os alunos quantificassem de 1 a 10 “*qual a importância de se falar sobre sexualidade em sala de aula?*”, e justificar o porquê da nota. A mesma foi analisada através de cinco categorias, sendo elas: Pouco relevante (nota: 1 a 4); Relevante (nota: 5 a 7); Muito relevante (nota: 8 a 10); Irrelevante (não responderam); e Respondeu sem nota, conforme visualiza-se na tabela 9.

Tabela 6 – Categorização utilizada na análise sobre a questão 9.

CATEGORIAS	Geral	Ano		Sexo	
		7°	9°	M	F
Pouco relevante (Nota: 1 a 4)	3,8%	0	8,1%	2,4%	4,9%
Relevante (Nota 5 a 7)	12,2%	4%	18,7%	10%	11,1%
Muito relevante (Nota 8 a 10)	50,4%	48%	52,7%	45,5%	57,9%
Irrelevante (Não respondeu)	23,9%	37%	9,4%	36%	10%
Respondeu sem nota	9,7%	11%	11,1%	6,1%	16,1%

Fonte: Autores

A categoria mais significativa foi “Muito relevante” com média geral de 50,4%. Tal resultado sinaliza que os educandos possuem curiosidade sobre a temática. A seguir são

apresentados alguns trechos das respostas dos alunos, (foram transcritas *ipsis litteris* tal como o original), que deram nota de 8 a 10 para a relevância da temática:

A59 – “[...] é muito importante nós adolescentes estarmos cientes do que pode acontecer em algumas dessas situações”.

A82 – “é muito importante orientar os adolescentes sobre este tipo de assunto pois muito não tem e acabam engravidando muito cedo e pegando doenças sexualmente transmissíveis e nas mudanças do corpo podem ficar até deprimidas pelas mudanças”.

A97 – “sexualidade é importante falar sim, e é um assunto comum, e porque são coisas que todos passam e as pessoas tem que saber mais sobre o assunto”.

A77 – “eu acho que é importante falar sobre estes assuntos na escola para prevenir muita gente que não sabe das coisas e fazem coisas erradas”.

A57 – “porque tem alunos que não tem liberdade de falar sobre isso em casa”.

A09 – “porque hoje em dia tem criança tendo crianças e conversar sobre essas coisas pode ajudar a evitar, né?”.

Percebe-se nos relatos dos alunos que suas justificativas são alicerçadas no sentido de direcionamento, revelação, orientação do que pode – ou não acontecer. O aluno 59, por exemplo, argumenta que se fosse abordada a temática da sexualidade, talvez, muitos adolescentes se preveniriam de doenças sexualmente transmissíveis e também não engravidassem precocemente. Por outro lado, este mesmo aluno revela que, muitas vezes, o assunto é tratado como um tabu no âmbito familiar, o que reforça a importância da temática ser trabalhada na sala de aula.

As respostas distribuídas na categoria “Relevante” obtiveram média geral 12,2% e nota de 5 a 7. Conforme justificadas a seguir:

A29 – “para evitar de pegar doenças sexualmente transmissíveis pelo sexo”.

A31 – “porque vc vai fazer isso uma hora e precisa saber para não pegar doença e fazer filhos, porque ai não tem como criar porque não tem condição”.

A53 – “porque nos falta informações e eu quero saber”.

Percebeu-se que, mesmo não tendo atribuído uma nota muito alta, os educandos reconhecem a importância de estudar a temática. Os alunos 29 e 31 justificaram que é um meio de aprender como evitar a gravidez e se prevenir de DST.

Em contrapartida, a segunda categoria mais evidenciada foi “Irrelevante” com média geral de 23,9% atribuída aqueles que deram nota de 1 a 4 a importância da temática, conforme relatos a seguir:

A80 – “minha nota é 2, para algumas é importante para mim é ‘tanto faz’”.

A47 – “4 porque acho que não seria tão necessário pois se aprende em qualquer lugar este assunto”.

A48 – “2 porque é um assunto que tem que se tratado com pessoas que tu tenha intimidade ou que tu confie e nem sempre é o que acontece na sala de aula”.

A123 – “3, é muito importante conversar com os pais e ter a confiança deles e não na escola”.

A10 – “4, porque não me sinto confortável”.

A101 – “minha nota é 1 porque é os pais quem tem que ensina”.

Percebe-se que estes alunos, diferentemente dos que consideram o assunto muito relevante, acreditam que a sexualidade deve ser trabalhada em casa – com os pais – por ser um ambiente que traz uma maior intimidade. Essa resposta vai ao encontro da questão 03, na qual, mais de 30% dos estudantes assumiram ter confiança nos pais para tirar as dúvidas.

Contudo, percebe-se que em alguns relatos (10, 47, 80 e 101) os alunos sentiram-se indiferentes e apáticos com a temática, o que pode levar a informações erradas e inexpressivas. Por exemplo, o aluno 47 ao afirmar que a temática pode ser aprendida em qualquer lugar, pode ser influenciado por meios de comunicações duvidosos e pessoas mal-intencionadas ou sem conhecimento científico.

Conclusão

A partir dos resultados obtidos entende-se que a escola tem que informar os alunos para que possam aumentar o seu conhecimento sobre sexualidade pois, geralmente, as informações que os jovens têm sobre a mesma costumam compor aos aspectos relativos à reprodução humana ou prevenção de doenças mostrando assim uma visão simplista sobre os aspectos da própria sexualidade e do outro.

Conclui-se que a partir da existência de dúvidas e do interesse demonstrado, faz-se necessária uma intervenção focada nas demandas dos alunos e preocupada em uma

abordagem de informações simples e amplas promovendo uma Educação Sexual apropriada.

Percebe-se que os alunos envolvidos na pesquisa, em sua maioria não sabe com exatidão o que é sexualidade, pois 43,2% não responderam, 28,4% aliaram sexualidade ao ato carnal e 11,6% resumiram-na às diferenças morfológicas entre homens e mulheres (masculino e feminino) ou a orientação sexual e de gênero. Tal constatação, confirma que os educandos não possuem um entendimento correto sobre o conceito de sexualidade, confundindo-a ou resumindo-a ao ato sexual ou as questões de gênero. Evidencia-se também que o tema não é abordado em sala de aula – e se em algum momento já foi – aconteceu de forma superficial, sem ser significativo para os alunos. Tal constatação comprova-se pelo fato de apenas 10,8% dos alunos do 9º ano terem conceituado sexualidade de maneira correta.

É preciso que todos os profissionais envolvidos com a educação tenham um novo olhar sobre a questão da sexualidade, buscando meios para quebrar antigos tabus e preconceitos.

Os professores devem ter acesso a condições de ampliar seu conhecimento, através de programas de atualização e capacitação direcionadas a sexualidade. Podendo, de tal modo, ajudar os alunos a obter informações, para que possam fazer as melhores escolhas como indivíduos na busca do amor, fraternidade, responsabilidade, saúde como um todo.

Ainda quanto ao professor, é imprescindível manter uma relação de confiança com o aluno, para que exista uma troca, tanto na aquisição e transmissão dos saberes relacionados a sexualidade

Acredita-se ainda, que este estudo serve como base para novas perspectivas de trabalho, bem como base para um estudo mais aprofundado das questões que foram problematizadas.

Referências

ALMEIDA, Ana Carla Campos. Hidalgo; CENTA, Maria de Lourdes. A família e a educação sexual dos filhos: implicações para a enfermagem. *Acta Paulista de Enfermagem*. São Paulo, v. 22, n. 1, p. 71-76, 2009.

ALMEIDA, Djanira Soares; COSTA, Raphaela Leoni da.; SILVA, Tais Mateus da. *Chega de tabu! A sexualidade sem medos e sem cortes*. 2005. Disponível em: www.unesp.br/prograd/PDFNE2005/artigos/capitulo%201/chegadetabu.pdf. Acesso em: set. 2017.

AMARAL, Vera Lúcia do. *Psicologia da educação: Sexualidade*. Natal: EDUFRRN, 2007. 208 p.

AMORIM, Alcione Maria Melo; FREITAS, Liliane Miranda. Que temas sobre sexualidade mais interessam aos jovens e adultos? Análise em uma escola parceira do PIBID/UFPA. In: IX ENCONTRO DE PESQUISA EM EDUCAÇÃO EM CIÊNCIAS, 9. ed. 2013, São Paulo, *Atas do IX ENPEC*. Águas de Lindóia: ABRAPEC, 2013. Disponível em: <http://www.nutes.ufrj.br/abrapec/ixenpec/atas/resumos/R0679-1.pdf>. Acesso em: 21 mar. 2017.

GOLDBERG, Maria Almeida Azevedo. *Educação sexual, uma proposta, um desafio*. 5. ed. São Paulo: Cortez, 1988. 117 p.

BARDIN, Laurence. *Análise de conteúdo*. Lisboa: Edições 70, 2004. 280 p.

BRASIL. *Parâmetros Curriculares Nacionais: apresentação dos temas transversais, ética*. Secretaria de Educação Fundamental. Brasília: MEC/SEF, 1998. 146 p.

_____. *Parâmetros Curriculares Nacionais: pluralidade cultural, orientação sexual*. Secretaria de Educação Fundamental. Brasília: MEC/SEF, 1998. 164p.

_____. *Parâmetros Curriculares Nacionais: apresentação dos temas transversais – terceiro e quarto ciclos do Ensino Fundamental*. Secretaria de Educação Fundamental. Brasília: MEC/SEF, 1998. 436 p.

CARDOSO, Nara Maria Batista. Psicologia e relações de gênero: a socialização do gênero feminino e suas implicações na violência conjugal em relação às mulheres. In: ZANELLA, Andréia., et al., (org). *Psicologia e práticas sociais*. Rio de Janeiro: Centro Edelstein de Pesquisas Sociais, 2008. p. 260-272.

CARVALHO, Isaiene da Silva. et al. A sexualidade em livros didáticos de ciências do 8º ano do ensino fundamental: uma abordagem satisfatória? *Adolescência e Saúde*, Rio de Janeiro, v. 9, n. 3, p. 29-36, jul./set. 2012.

ECOS – Comunicação em Sexualidade. *Sexo sem vergonha: uma metodologia de trabalho com Educação Sexual*. São Paulo: ECOS, 2001.

DUARTE, Ruth de Gouvêa. *Sexo, sexualidade e doenças sexualmente transmissíveis*. São Paulo: Moderna, 1995. 119 p.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Mini Aurélio do século XXI: o minidicionário da língua portuguesa*. 5. ed. rev. ampliada. Rio de Janeiro: Nova Friburgo, 2001. 2128 p.

FIGUEIRÓ, Mary Neide Damico. *Educação sexual: retomando uma proposta, um desafio*. 2 ed. Londrina: UEL, 2001. 184 p.

_____. A produção teórica no Brasil sobre educação sexual. *Caderno de Pesquisa*. São Paulo, n. 98, p. 50-63, ago. 1996.

_____. *Formação de Educadores Sexuais: Adiar não é mais possível*. Londrina: EDUEL, 2006.

GAGLIOTTO, Giseli Monteiro; PIMENTEL, Gizele Arendt; ROZA Rosângela da. Educação, sexualidade e direitos humanos: a escola em foco. *In: III SEMINÁRIO DE EDUCAÇÃO, DIVERSIDADE SEXUAL E DIREITOS HUMANOS*. 2004, Vitória, *Anais Eletrônicos*. Vitória: GEPS – UFES, 2014. Disponível em: http://www.2014.gepsexualidades.com.br/resources/anais/4/1405521629_ARQUIVO_EDUCACAO,SEXUALIDADEEDIREITOSHUMANOSAESCOLAEMFOCO.pdf.

GIL, Antônio Carlos. *Como Elaborar Projetos de Pesquisa*. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002. 131 p.

GONÇALVES, Randys Caldeira; FALEIRO, José Henrique; MALAFAIA, Guilherme. Educação Sexual no Contexto Familiar e Escolar: impasses e desafios. *Holos*. Rio Grande do Norte, v.5, n.29, p. 251-263, out. 2013.

GUIMARÃES, Isaura. Rocha Figueiredo. *Educação Sexual na escola: mito e realidade*. Campinas: Mercado de Letras, 1995. 128 p.

HORTA, Natália de Cássia. Adolescentes e Sexualidade: Conhecendo Novas Possibilidades no Trabalho Educativo. *In: 2º CONGRESSO BRASILEIRO DE EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA*. 2004, Belo Horizonte, *Anais*. Belo Horizonte: UFMG, 2004.

KINDEL, Eunice. Aita Isaia. Do aquecimento global às células-tronco: sabendo ler e escrever a biologia do século XXI. *In: MULLET, Nilton Pereira. et al. (org.) Ler e escrever: compromisso no ensino médio*. Porto Alegre: Editora da UFRGS/Núcleo de Integração Universidade & Escola, 2008. p. 91-102.

JARDIM, Dulcilene Pereira; BRETAS, José Roberto da Silva. Orientação sexual na escola: a concepção dos professores de Jandira-SP. *Revista Brasileira de Enfermagem*, São Paulo, n. 59, p. 157-162, mar./abr. 2006.

JESUS, Jaqueline Gomes de. *Orientações sobre identidade de gênero: conceitos e termos*. e-book. Brasília, 2012. Disponível em: https://www.sertao.ufg.br/up/16/o/ORIENTA%C3%87%C3%95ES_POPULA%C3%87%C3%83O_TRANS.pdf?1334065989. Acesso em: 14 out. 2017.

LEONCIO, Joana Maria Macedo. A Orientação sexual nas escolas a partir dos Parâmetros Curriculares Nacionais. *Educação, Gestão e Sociedade*, n. 12, ano 3, nov. 2013.

NOVAK, Elaine. 2013. 38 f. *Dificuldades enfrentadas pelos professores ao trabalhar educação sexual com adolescentes*. Monografia [Especialização em Ensino de Ciências]. Universidade Tecnológica Federal do Paraná, Medianeira, 2013

NUNES, Maria José. *A percepção do adolescente sobre sua sexualidade frente às Doenças Sexualmente transmissíveis/AIDS*. 2007. 147 f. Tese (Doutorado). Escola de Enfermagem da Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2000

OLIVEIRA, Meire Rose dos Anjos; MORGADO, Maria Aparecida. Jovens, Sexualidade e Educação: homossexualidade no espaço escolar. In: 29ª REUNIÃO ANUAL DA ANPED, 2008, Caxambu. *Anais da 29ª Reunião Anual da ANPED*. Caxambu: ANPED, 2008. Disponível em: <http://29reuniao.anped.org.br/trabalhos/trabalho/GT23-2357--Int.pdf>. Acesso: 01 mai. 2017.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE. *Growing in Confidence: Programming for Adolescent health and Development – Lessons from eight countries*. Department of Child and Adolescent Health and Development, 2002.

PREDEBON, Julia Carmona. Conversando sobre sexo na família com filhos adolescentes. In: WAGNER, Adriana. (Org.). *Família em cena: tramas, dramas e transformações*. Petrópolis: Vozes, 2002. p. 159-171.

ROCHA Anne Kariny Lemos. *O jogo pedagógico como instrumento para educação sexual de facilitadores e estudantes jovens: análise do material “em seu lugar”*. Dissertação (Mestrado). Universidade Estadual Paulista Faculdade de Ciências e Letras, Araraquara, 2015.

SAYÃO, Yara. Orientação sexual na escola: os territórios possíveis e necessários. In: AQUINO, Júlio G. (org.). *Sexualidade na escola: alternativas teóricas e práticas*. São Paulo: Summus, 1997, p. 107-117.

SOLDATELLI, Maira Meneguzzi. *Educação sexual e condições de ensino: implicações na construção da corporeidade de alunos do ensino médio*. Dissertação (Mestrado em Educação). Universidade de Passo Fundo, Passo Fundo 2006.

SOUSA, Leilane Barbosa de; FERNANDES, Janaina Francisca Pinto; BARROSO, Maria Grasiela Teixeira. Sexualidade na adolescência: análise da influência de fatores culturais presentes no contexto familiar. *Acta Paulista de Enfermagem*. v. 19, n. 4, p. 408-413, 2006. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-21002006000400007&lang=pt. Acesso em: 29 out. 2017.

WEREBE, Maria José Garcia. *Sexualidade, Política e Educação*. São Paulo: Editora Autores Associados, 1998. 218 p.

Recebido em março de 2020.

Aprovado em maio de 2020.